

Oficina para documentaristas

„QUEM ME GARANTE QUE UM DESTES NÃO SEJA UM PARENTE MEU?“

CULTURA

[Workshop Piano](#)
[Palavras AmarElas](#)
[Africomics](#)
[Henrike Grohs Art Award](#)
[Assuntos de Família](#)
[Corona Chronicles](#)
[Cooperação dos museus](#)
["A vida é sonho"](#)


A foto descrita (detalhe). | Foto: George Leuzinger/ Coleção Gilberto Ferrez/ Acervo Instituto Moreira Salles, © IMS

Um relatório de Viola Scheuerer e Roberto Manhães Reis

Uma fotografia em preto e branco mostra pessoas negras em frente a uma casa de fazenda. Dois homens seguram ferramentas de trabalho. Grãos de café secam no terreiro. Crianças estão sentadas no chão, ao lado de uma mulher, que carrega um bebê nas costas. Uma jovem cuida de um menino branco, que está em cima de um triciclo. Todos têm a cabeça inclinada para o solo, com exceção do menino, que olha diretamente para a câmera. Na legenda está escrito: *Fazenda de Quititi,*

AUTORES

A suíça Viola Scheuerer e o paulista Roberto Manhães Reis são documentaristas. A dupla - dona da Produtora VIROfilm - tem no portfólio filmes como "Nipo Brasil" (2005), que relata sobre três gerações de imigrantes japoneses em São Paulo, e "Louisa Jules" (2013), que fala sobre uma berlinense nascida na Ucrânia, que busca por seus pais biológicos em Madagascar. "Louisa" foi realizado para a TV alemã WDR / 3Sat. "Gilda Brasileiro - Contra o esquecimento" (2018) é o mais recente filme da dupla de documentaristas

A fotografia foi tirada numa época em que a sociedade e a economia brasileira estavam baseadas na escravidão. Hoje, a imagem causa dor e revolta. Ela é um documento visual, que nos confronta com a existência da sociedade escravocrata e com a nossa ignorância quanto à vida de milhares de africanos e seus descendentes. No século 19, a imagem foi propositadamente encenada para mostrar prosperidade e propriedade. Não foi feita para nós, no século 21, que entendemos essa história de outra maneira. A fotografia não foi feita para Samaritano de Luanda, que faz a pergunta no título deste texto.

Com esta e outras fotos históricas na bagagem, viajamos para Luanda, a fim de realizar a oficina “Revisitar o Passado, Entender o Presente”. Durante uma semana, pensamos juntos com artistas visuais, historiadores, antropólogos, documentaristas e estudantes angolanos em como trabalhar com fotografias históricas no filme documentário. Começamos por analisar textos teóricos e exemplos de filmes, para, em seguida, fazermos nossas próprias experiências em exercícios práticos.



Os participantes do workshop discutem uma fotografia. | © VIROfilm

Como as fotografias históricas (no contexto colonial e de escravização) poderiam se tornar um ponto de partida para as nossas histórias? Elas poderiam reavivar memórias e tradições interrompidas? Poderiam questionar as nossas percepções hoje? Poderíamos decolonizar fotografias coloniais? Nós nos despedimos da perspectiva do fotógrafo e focamos numa possível perspectiva das pessoas representadas na foto. Recriamos aquele momento.


LINKS RELACIONADOS

- » [Gilda Brasileiro](#), o último filme dos autores, foi recentemente mostrado em Luanda.
- » [VIROfilm](#)
- » [Os vídeos na nossa página Facebook](#)

Tentamos imaginar o que aconteceu antes e depois do “clique”. O que está implícito na imagem?

Com esta abordagem, visitamos o arquivo fotográfico do Museu de Antropologia em Luanda. Cada participante escolheu – entre slides, negativos e ampliações – uma imagem para ser trabalhada. As fotos foram o ponto de partida para 12 curtas-metragens que surpreenderam a todos. Eles foram projetados numa sala de cinema no último dia da oficina.

Sacer.

00:00 

01:11



© VIROfilm

O filme do Sacerdote serve aqui como exemplo: no canto superior direito da tela aparecem mãos estendidas no ar. Uma voz pergunta: “É uma festa?” Linhas brancas percorrem a tela escura. Na parte inferior surgem pés que sugerem uma dança. “Sim. É uma festa!” As linhas dividem em diferentes espaços a imagem, que, como num quebra-cabeças, se revela aos poucos ao público. Duas mulheres em uniforme atuam para uma plateia atenta, “que acompanhou as passadas, esqueceu o passado depois da fezada”. Corte para a legenda da fotografia: peça de teatro "História de Angola", cena: Conferência de Berlim (1884).